



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura da 15ª Feira Internacional de Produtos,
Equipamentos, Serviços e Tecnologia para Hospitais, Laboratórios,
Farmácias, Clínicas e Consultórios – HOSPITALAR/2008**

São Paulo – SP, 10 de junho de 2008

Meu caro companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,
Companheiro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio Exterior,

Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,

Deputados aqui presentes, Tarcísio Zimmermann, e Neilton Mulim,

Nosso querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES,
de onde não faltarão recursos para financiar a indústria brasileira,

Doutora Walesca Santos, fundadora e presidente da Feira Internacional
Hospitalar,

Meu caro doutor Luiz Roberto Barradas, secretário de Saúde do estado
de São Paulo,

Meu caro José Carlos de Souza Abraão, presidente da Confederação
Nacional da Saúde,

Meus amigos e minhas amigas,

A nominata tem muitos nomes, eu vou pular porque eu tenho que ir para
Campinas e tenho que sair antes de escurecer, senão eu tenho que pegar um
comboio, em vez de um helicóptero.

Eu fico surpreso porque em várias coisas que eu participo no Brasil, eu
ouço as pessoas dizerem: “É a primeira vez que um presidente vem aqui; é a
primeira vez que acontece isso”. Eu fico me perguntando sempre o porque do
descaso com que as coisas se davam no nosso País. Para não falar mais “é a



primeira vez, é a primeira vez na história do Brasil”, na quinta-feira à noite participei de um encontro GLBT, em Brasília, e eu me assustei quando um orador falou o seguinte: “É a primeira vez na história do mundo em que um presidente da República participa de um encontro GLBT”. Isso demonstra claramente que a classe política, Kassab, parece que não gosta muito de participar dessas coisas. Eu fico vendo a cara de vocês, fico ouvindo o discurso de vocês, e eu me lembro do Corinthians quando terminou o Campeonato Paulista, ou o Brasileiro do ano passado, e todo mundo triste, todo mundo amargurado, e veja agora o Corinthians chegando à final da Copa Brasil, bem na série “B” e os corintianos voltando a ter orgulho de serem corintianos.

Eu acho que vocês voltaram a ter orgulho daquilo que vocês se propuseram a fazer e começaram a sentir que da parte do governo e da parte do ministro da Saúde, e poderia dizer, dos dois que estão ali, do ministro da Indústria e Comércio, a indústria hospitalar vai se recuperar e crescer neste País da mesma forma que nós começamos e conseguimos recuperar a indústria naval brasileira, a indústria petroleira brasileira, a indústria de calçados, a indústria têxtil, a indústria do etanol, a indústria automobilística.

É importante lembrar que todo mundo estava chorando em 2004 e 2005. Eu não agüentava mais encontrar empresário para ouvir: “estamos fechando, estamos quebrando, estamos em vermelho, vamos embora, não está dando certo”. Hoje nós percebemos, pelos números ditos pelo nosso ministro Miguel Jorge, que o País se encontrou consigo mesmo e o Brasil passou a perceber que se ele der certo, a América do Sul vai dar certo, a América Latina vai dar certo e, portanto, a indústria brasileira pode e tem condições de ser o carro-chefe do dinamismo deste setor, para todo o Continente. Se nós já fomos, na década de 70, uma indústria muito mais competitiva do que somos hoje, significa que nós sabemos fazer, e temos que correr atrás para recuperar o espaço perdido no mercado mundial. Afinal de contas, foram 26 anos – não foram 2 meses – de frustração neste País.



De 1980 a quase 2000, este País viveu momentos de descrédito consigo mesmo. Tudo parecia que não dava certo, nós não sabíamos mais fazer nada. Graças a empresários como vocês, que ousaram teimar, que ousaram acreditar, que ousaram fazer investimentos mesmo em momentos difíceis, é que nós, não só sobrevivemos, como chegamos a 2008 numa situação altamente confortável. Já chegamos à plenitude? Não. Já conquistamos tudo? Não. Falta muito, afinal de contas, nós ainda somos um país emergente. Mas um país emergente com viés de alta, com viés de melhora. Não somos um país emergente com viés de baixa ou de retrocesso. Por quê? Porque quando nós elaboramos a política industrial, dentro dela tem um capítulo especial para a indústria na área da Saúde. Não é que quiséssemos pensar a Saúde apenas como uma questão econômico-financeira, mas era importante dizer ao povo brasileiro o quanto a Saúde gera de dinheiro para o PIB brasileiro, quantos empregos a Saúde gera, e quanto pode aumentar a geração de empregos se a gente fizer os investimentos corretos, as parcerias corretas, para que as nossas empresas acreditem, definitivamente, que o sistema de Saúde brasileiro veio para melhorar.

Lamentavelmente, o programa Mais Saúde, que queríamos colocar em prática, que eu chamava de PAC da Saúde – talvez o programa de saúde mais bem elaborado na história deste País, feito pelo ministro Temporão e sua equipe – ficou frustrado, porque a CPMF não foi aprovada no Senado da República. Eu pensei que quando caísse a CPMF, todos os produtos no Brasil iriam reduzir 0,38%. Não houve nenhum que tivesse reduzido até agora. E nós, que tínhamos o interesse de levar dentistas para dentro das salas de aula, para atender as crianças quando chegassem à escola; de levar dentistas para as creches para ver crianças com quatro, cinco anos de idade, se tinham problemas nos dentes; de levar oftalmologistas para as escolas para atender às crianças logo que começassem a estudar; de estender um médico de saúde para toda a rede pública de ensino neste País; de melhorar e recuperar toda a



rede hospitalar deste País; de ajudar todas as Santas Casas deste País ficamos frustrados.

Tem gente que acha que fez mal a mim; tem gente que acha que o prejudicado foi o Lula, foi o presidente da República; tem gente que acha que, certamente, foi o ministro Temporão; tem gente que acha que prejudicou não sei quem. O dado concreto é que nós tivemos o Sistema de Saúde brasileiro prejudicado. Eu digo sempre que nós, que temos condições de pagar um plano de saúde particular – eu e você, Cláudio, que podemos pagar um plano de saúde –, às vezes recebemos mais benefícios do Sistema de Saúde do que o pobre que não pode pagar. A gente pensa que paga muito, depois deduz do Imposto de Renda, e quem paga é o povo pobre deste País. Essa hipocrisia ainda não foi desvendada corretamente na sociedade. Só se vê gente dizendo: “eu pago muito de plano de saúde, eu pago 1000 reais, eu pago 2000 reais”. Na verdade, paga nada, porque desconta no Imposto de Renda. O pobre coitado que não paga plano de saúde, que precisa do SUS, ao final das contas tem um atendimento mais precário do que nós, que recebemos auxílio do SUS.

Eu tenho dito ao Temporão para a gente não desanimar. A proposta de elaborar um bom plano de saúde para este País não é nem uma vontade do ministro da Saúde, é uma exigência da sociedade brasileira que cada vez mais quer hospitais melhores, que cada vez mais quer equipamentos mais modernos, que cada vez mais quer tirar todas as radiografias que as máquinas puderem tirar. E cada vez mais nós queremos produzir esse material no Brasil. Por que esse complexo de inferioridade? Por que as empresas, mesmo as que produzem lá fora, não podem vir produzir aqui dentro? É por isso que a gente vai colocar mais dinheiro no BNDES. O BNDES, no ano passado, emprestou 48 bilhões. Se Deus quiser, neste ano vamos chegar perto de 80 bilhões, que é para ele cumprir a sua função social e empresarial, que é ajudar o desenvolvimento e o crescimento deste País.

Os números colocados pelo ministro Miguel Jorge são números sólidos,



e nós achamos que todos nós – não apenas o governo – temos a obrigação de garantir que este País possa crescer de forma responsável. Não precisa crescer 50%. Se crescer 4,5%, 5% durante 10 ou 15 anos consecutivos, nós estaremos colocando o Brasil no patamar definitivo dos países desenvolvidos.

Agora eu participo do G-8 como convidado, até porque é muito difícil convocarem uma reunião do G-8 e esquecerem da China, do Brasil, da Índia e do México. Mas se a gente continuar crescendo assim, logo, logo outros serão convidados e nós faremos parte, definitivamente, das decisões que nortearão a política econômica no mundo inteiro.

Vocês sabem perfeitamente bem que o Brasil deu um salto de qualidade de forma extraordinária. De vez em quando a gente exagera. Eu tenho dito que nós precisamos sempre tomar cuidado para ter uma compatibilidade entre a oferta e a demanda, porque na hora em que elas perderem o ritmo, ou cai a produtividade ou volta a inflação. Manter esse equilíbrio é o desafio que nós temos agora, tentar continuar animando a demanda, tentar continuar animando o setor produtivo. Nós sabemos que se vocês continuarem fazendo os investimentos que já fizeram, se continuarem produzindo o que já produzem, e tiver mais demandas para os produtos de vocês, daqui a alguns anos, nós poderemos não estar fazendo a segunda feira, mas poderemos estar fazendo aqui a primeira feira hospitalar. Hoje, parece que a Alemanha tem a feira mais importante e a segunda é a nossa. Por que a gente não pode empatar ou até ganhar da Alemanha? Nós temos o dobro de população da Alemanha, quase três vezes a população da Alemanha. A América Latina toda tem muito mais habitantes do que tem a Alemanha. Agora, o que nós precisamos é ter como compromisso focar em fazer a maior feira em 2009, para a gente poder trazer para este País e para o nosso Continente aquilo que o mundo desenvolvido já tem há muito tempo.

Nós queremos que mais empresas se instalem no Brasil. Esses dias eu tive um encontro com a GE – e eu sei que aqui tem outras empresas – ela vai



fazer uma fábrica de tomógrafos aqui no Brasil, e nós queremos que outras empresas se implantem aqui no Brasil. Já tem a fábrica de hemoderivados que está sendo montada em Goiana, no estado de Pernambuco, e nós queremos convidar outras empresas a se instalarem, a fazerem parceria com aquelas que já estão aqui, para que o Brasil recupere o seu patamar de desenvolvimento e de exportador que nós já tivemos em algum momento.

Quero dizer para vocês que é uma alegria estar aqui. Certamente eu sou o presidente que mais participa de feiras. Nunca compro nada, mas participo de feiras sempre, e participo com prazer porque é um momento de me animar, é um momento de aprender alguma coisa, é um momento de conhecer como funciona o setor. Normalmente, a gente também recebe as queixas do setor, e é importante, porque não existe na história da humanidade momento em que alguém esteja contente com aquilo que tem. Se hoje vocês estivessem crescendo três vezes o que estão crescendo, ainda assim iriam querer crescer um pouco mais, e isso faz parte da vida humana, isso faz parte de todos nós. Portanto, meus parabéns, e eu quero declarar oficialmente aberta a 15ª Feira Hospitalar.

Boa sorte.

(\$211A)